

In Pedro Sua-kins
Comdes Pedicais

AO SEU ALCANCE

Hélia Correia

Aqueles crimes com que todos sonham são os que raramente se cometem. Tão-pouco ocorrem belos suicídios com frequência que conte na estatística. Sobre tudo no sul. Não há ribeiras com corrente bastante onde a mulher vá deslizando à sombra dos salgueiros com as palmas das mãos por sobre a água e as flores espalhadas no vestido. Sendo muito amarelas as paisagens, têm mais de veneno que de faca. Os venenos não fazem bons cadáveres. Alguns acabam a escarvar a terra, como se houvesse uma linguagem na toxina e ela os mandasse abrir a própria cova. Há os que se arremessam para o largo, procurando água onde ela não existe, ardendo tanto pelo interior que o inferno se confirma ainda antes de eles terem morrido em absoluto. São vistosos, porém dissuasores, estes que continuam a espumar, sujando os panos com que os recobriram. Mas acontece que no sul ninguém se mata com veneno. A gente enforca-se.

O homem deste conto está no sul. Na infância maltratou os animais como é habitual entre os rapazes. Nas terras sufocadas pelo estio, os animais não tinham rapidez. O impacto das pedras no seu corpo não provocava uma resposta enérgica. Eles próprios recebiam a matança com um lampejo humilde no olhar e toda a sua vida sem sentido achava ali uma resolução. A agonia ressoava sob as pedras, sob o chão seco, e levantava turbulência. Era um gemido que o ouvido humano não podia captar. Subia a uma altura razoável e atingia a criança nos joelhos. Isto proporcionava-lhe um prazer talvez remotamente sexual mas que não incidia na harrisa. Assemelhava-se a um formigueiro que o impedia de

64

mover as pernas e o forçava a ficar até ao fim. Enquanto foi crescendo, algumas noites os seus dedos colados pelo esperma pareciam, na verdade, estrangular. Mas também isso é coisa natural. Não explica o nascimento de um projecto.

O homem deste conto casou cedo para dar bom termo a uma gravidez. Isso não impediu que o casal fosse feliz e pouco fértil. A mulher não tinha a vocação do sacrifício. Aprendeu tudo com o primeiro parto. Nunca mais se deixou surpreender. O seu corpo maciço, de trabalho, começou a ganhar vontade própria e o principal motor dessa vontade era a fuga às angústias maternais. Aquela único filho produzia cheiros e sons que se prendiam às paredes e sem descanso se multiplicavam. Formavam uma teia onde a mulher se achava emaranhada para sempre. O homem não sabia, ou procedia como se o não soubesse, que um pai é mais que uns passos pela casa. Via no filho a massa de um incómodo, um rosto sempre em perigo de explodir. E só se comoveu quando ele andou. Levava-o para os campos, levantava-o quando as pequenas cobras flamejantes deslizavam na sua direcção. A criança mostrava tal destreza no manejar das coisas masculinas que a garganta do homem se embargava sempre que lhe emprestava o canivete. O pequeno gostava de esculpir, amava físgas desde muito cedo. O homem convenceu-se de que o crime se contentava com pequenos feitos, que era um impulso que se confundia com a chama de um pai amando um filho e vendo-o ficar pronto para caçar.

Estava, porém, a enganar-se. Algo deixava os seus sinais no quarto, uma existência desprovida de corpo ou duração, algo dotado do talento da espera. E, assim que a criança cresceu mais que os pesadelos e deixou as noites vagas, o homem acordava em sobresalto, ouvindo aquilo que não era um som mas lhe comunicava uma tristeza. Olhava pela janela para o escuro, sem entender. Queria culpar o filho que durante os seus primeiros anos lhe gritara, interrompendo os sons. Funcionara como um puro mecanismo de maldade. Mas aquela maldade prosseguia, desligada do hóspede infantil.

Tentava descobrir, pelos amigos, se o que lhe sucedia era comum. E, aparentemente, eles percebiam o que nem se atrevia a perguntar. Em todos existia um pensamento por formular, uma deformidade na cadeia de afectos que os forçava a levar muita vez o copo à boca, como se a língua não fluísse bem. Porque aquele pensamento se formava no mesmo sítio em que nascia a sede, a sede de álcool e de perdição. Falamos do instinto feminino mas também um instinto existe aqui. Algo que se escapava para a noite, uma tensão de músculos. Sonhavam com grandes correrias, com paisagens onde as cores se encontravam incompletas. Chegavam-se às mulheres e cobriam-nas mas nos seus sonhos não havia paradeiro.

— Fazem falta as amantes à antiga. Nas putas de hoje não se pode confiar — diziam. E puxavam a saliva para a frente da boca. Mas cuspir não era permitido nos cafés. No vazio que Deus tinha deixado assentava a censura dos parceiros. E eram postos na rua, como os pais no seu tempo de pobres. Juntavam-se na sombra para fumar. Espalhavam uma espécie de tristeza, um fundamento para a lentidão.

Também o homem deste conto demorava. Tinha começado uma corrida como uma bala teme o seu disparo. Ele estava no princípio de um trajecto e agarrava-se a tudo o que podia para que o movimento o não tomasse. No Outono, fugia das caçadas, atormentado pelo ladrar dos cães. O filho que crescia ia-o chamando, para os jogos de guerra no ecra mas ele falhava muito e, olhando as mãos, julgava perceber sinais de morte, de uma velhice que o sacrificava muito antes da idade regular. Um dia aquilo encheu-o de pavor.

Inventou um pretexto para passar todo um fim-de-semana na cidade. Sentiu-se realmente estremecer sob a brutal cintilação do vício. Mas só tinha dinheiro para carne negra e essas mulheres brilhavam contra o escuro como manchas de sangue, com a boca, com os olhos coloridos de amarelo. Voltou para casa como os homens voltam depois de semelhantes desvarios. Lembrava mais o perigo em que estivera, ao passar pelos grupos de ladrões, do que aqueles coitos em que havia castidade porque nenhuma alma se encontrava.

Depois dessa viagem, sossegou. Compreendeu que não havia culpa. Entrava na mulher e imaginava tudo aquilo que queria imaginar. A crueldade não achava obstáculos e não deixava rasto de manhã. Dos crimes dimanava uma doçura que encantava a família. Ele tinha apenas

que suster as palavras que embatiam contra os seus dentes, prontas para sair, palavras duras, de violência, porque a mulher não se prestava a isso. Mostrara uma alegria sexual muito inconveniente, no início. Com o passar dos anos, exigia muito recato para que o filho os não ouvisse.

La na meia-idade quando aquela mulher chamada Morte lhe apareceu. Não foi sempre mulher aos nossos olhos. Há pouco mais de dois mil anos os seus traços mostravam qualidades masculinas. Mas, ao longo dos séculos, ficara mais fina, mais subtil. Atraíçoa. A certa altura tomou forma de donzela, com o rosto coberto por um véu, e transtornou as leis da natureza. Provocava desejo, punha corpo onde o corpo deixara de existir. A mulher que assomou pela manhã nas traseiras da casa, flutuando por sobre os desperdícios que o calor ia homogeneizando devagar, não despertou um grande sentimento. O homem deste conto começara a levantar-se muito cedo e isso fazia com que encontrasse as coisas sem contexto, destacadas na luz crepuscular.

Essa mulher chamada Morte usava um vestido direito até aos pés e ele viu-o ainda antes de lhe ver a cara. Mas ela entrou em movimento, debatendo-se contra o ar que ascendia e a afastava. Batia os braços magros e a saia deixava chispas sob aquele embate entre o peso da Morte e os elementos. Finalmente assentou e o vulto dela começou a espessar um pouco mais. Talvez por atenção com os humanos, para não frustrar as suas expectativas, trajava de cor negra. Mas a pele, que não deixava de mostrar alguma idade, resplandecia no seu nórdico fulgor. O cabelo enrolava numa trança e o seu cendrado absorvia muita luz, criando um vácuo escuro em seu redor. Uma agudeza de metal, provinda dos seus pequenos olhos, disparou e o homem deste conto estremeceu.

— Não tens de recear-me — disse a Morte. — Faço-te uma visita cordial.

O homem não sentia segurança. Verdade seja dita, recuou. Dispunha de vontade e isso espantou-o. Supôs que os membros paralisariam. No seu segundo impulso, aproximou-se. Se havia alguma coisa que estranhar, era o grande silêncio da paisagem. Os sons não se espalhavam como queriam. Estavam capturados nos arbustos, semelhantes a moscas. A frescura própria das madrugadas condensava-se junto do chão. O homem começou a

caminhar na companhia dessa Morte, estrada fora. Ela fazia um esforço por manter-se ao lado dele. Mas a sua leveza projectava-a constantemente para cima e uma espécie de intransigência bailado se formava e convidava o homem a correr. Deixara em absoluto de ter medo. Isso não significava confiar mas prescindir do coração humano. «Onde me está levando?», perguntou. Ela sorriu mas não sabia sorrir bem. Os lábios, muito estreitos, desciam. O homem dava como certo que, entretanto, os parentes choravam ao seu lado e o tornavam a deitar na cama. Ele já não passaria de uma alma que fugia para longe do cadáver. Sempre ouvira dizer que se tratava de uma fuga benigna.

A Morte segurou-o pelos ombros, fê-lo parar. Tocava com maior suavidade do que se imagina. Mas estava apenas a orientá-lo, a conduzi-lo para um desvio. Era um caminho já tomado pelas sombras, as raias das sombras dos silvados. O homem nem olhara para o sol. Tinha uma grande luz à sua frente. Então, a Morte converteu-se com ele. Estava cansada de prender-se à terra e falava depressa. A sua voz tinha um tom muito fraco, um tom de arrulho.

— Amas-me há muito tempo e eu bem o sei. Pensaste sempre em mim. Agora vou compensar-te por isso. Embora nada se cumpra à dimensão que há no desejo.

Apontou para o fundo da vereda:
— Tens ali um bom crime. Sem beleza. Mas foi o que arranjei para te ajudar.

— Que crime é esse? — perguntou o homem.
— É a morte de um velho. Para o roubar.

O homem disse:
— Isso não tem a ver comigo.

A Morte riu:
— Não custa experimentar. Ao que sei, todas elas dão prazer.

— Todas as quê? As mortes?
— Infigidas.

Ele curvou-se e então sentiu o sol, a unha dura a trespassar-lhe a nuca. Aquela história não lhe pertencia.

— Ouve — disse-lhe a Morte —, o velho vai suicidar-se. Vim aqui por isso.

Com a irritação, baixava a voz ainda um pouco mais e rouquejava. E, finalmente, o homem estremeceu. Tinha os favores da Morte e não podia, sob nenhum pretexto, recusar.

Avistava-se a casa numa curva, uma casa em que as últimas demãos de cal já não surtiram bom efeito. As paredes mostravam o enchimento, as arestas quebravam-se. Aquelles jogos de dissimulação que quase sempre precedem a ruína já se haviam retirado dali. As janelas, turvadas pelas teias, mostravam-se indiferentes ao exterior. Ninguém espreitava através delas, nem sequer o habitante que ficara para trás, porque a sua visão adoecera.

A alguma distância, os caminhantes embargaram o passo, comovidos. Uma felicidade muito antiga pairava ainda na esteva, como um cheiro. Uma jovem mulher deitara nela os seus lençóis, as fraldas das crianças, para que secassem. E, ao entardecer, dobrava-os lentamente junto à face. Farrapos de episódios esquecidos mantinham-se suspensos na folhagem e o seu mistério tinha algumas consequências. Quem por eles passasse pensaria que a febre o atacava de repente. Assim, o homem deste conto e a Morte quase se arrependeram de ali estar.

Os cães não correram tão depressa quanto era seu costume. Normalmente desempenhavam o papel com precisão. Toda a ferocidade que lhes restava se adaptava àquela serviço. Desciam, enfrentando o visitante com as suas goelas inflamadas, e o dono, ouvindo-os, começava a erguer-se. Às vezes, disparava a cadeira pela porta entreaberta. Os cães gostavam daquele silvo no ar, aliás gostavam ainda antes do silvo que sabiam ir intensificar no inimigo todo o metabolismo do pavor.

Nesse dia, porém, não houve a festa de autodefesa que juntava cães e velho. Os animais saíram muito tarde e o seu alarme mal se fez ouvir. Algo falhava no dispositivo de informação com que contavam sempre. Os seus olhos de cães, as suas ventas, não decifravam os contornos daquele vulto que em si continha uma figura humana e uma voragem que os intimidava. Eles não tomavam, como o homem deste conto, a Morte pela mulher que ela não era. Viam melhor, viam um espaço eléctrico que fulminava aquilo que nele entrasse.

Volteram para trás, vivando. Jam de lado, na sua confusão. Ainda assim, o velho suspeitou de uma presença não familiar. Saiu. De qual-quer modo, sairia. Não era uma saída com horário e nem sequer com dia. Era a saída que o tribunal determinara, o tribunal particular que havia dentro dele, com o juiz, o condenado e o carrasco. Tinham os três conhecimento da sentença e nenhum se apressava, o condenado pelas razões da sua condição, o juiz e o carrasco porque queriam saborear essa melancolia, essa nuvem que impende sobre o rosto de quem, podendo tanto, facilmente cairia nos logros da piedade. Os três homens no velho revizavam-se na apreciação do utensílio que destinavam à execução. Um deles, não sei qual, pedira ao filho que comprasse uma corda resistente.

O filho raramente o visitava. Odiava, não o pai, mas a vividez. Dispunha de bastante inteligência para saber como tudo acabaria. Ele próprio via a grande solidão desenhada no ar, à sua espera. O velho, encomendando aquela corda, programava puni-lo para sempre. Desconhecia que dotara o filho de todo o sofrimento necessário ao fazê-lo nascer naquele lugar. A alma transmitia uma tristeza, o corpo transmitia uma falência nos glóbulos vermelhos. Não se herdava muito mais do que isso.

Ao verem uma luz que se movia sob a folga da porta, os cães ganiram. Do interior, o velho tentaria certamente encontrar um raciocínio que lhe explicasse a anormalidade. Quem quer que fosse, transformava a máquina agressiva dos bichos em temor. A perplexidade convocava uma energia que não estava nos seus hábitos. Ele, para se salvar, não tinha mais que os gestos muitas vezes ensaiados e que, naquele momento, lhe fugiam. Estava a untar a corda com azeite para a amaciá. Cuidava dela como em tempos cuidara das ovelhas, afectuosamente e sem esquecer que a morte era o propósito final.

O velho veio à porta e pôs a mão em pala junto à testa. Era a mão esquerda. De qualquer modo ele não podia ver senão quem já estivesse muito perto. Lembra-se do gesto, nada mais. Os sóis de muitos anos incidiam e projectavam na parede a sombra de um homem que estudava o horizonte. A sombra deslizava até à esquina, conforme o andamento das estações. Depois, a pouco e pouco, apeguenara. Parecia ressequida por um sal. Caía nos relevos da ruína com a sua miséria, esfarelado.

Mas, nesse dia, o braço descaído opunha aos raios um volume novo. Era o braço direito. A sua mão tremia um pouco ao segurar a corda. A sombra estava ao lado da janela e a mão parecia levantar um pássaro reitado, ainda vivo, da armadilha.

Quando a Morte e o homem deste conto se aproximaram o suficiente para que o velho os visse, já os cães tinham emudecido. Arrefeciam, no seu terror, sob a intensa temperatura, arrefeciam como pedras sob arbustos. Se alguma vez os sujeitara um pacto de lealdade ao dono, fora extinto. O velho e a sua corda estavam sós.

A Morte disse:

— Pega nesse velho e aperta-lhe o pescoço. Poderás fazer ideia do que seja assassinar. Se achares, depois, que vale a pena, continuas.

— Não é isso que eu sonho — disse o homem. — E já nem sonho. Deixe-me ir embora.

— Verás como os seus ossos dão estalidos debaixo dos teus dedos. Experimenta.

— É o corpo de um velho — disse o homem.

— Trago-te para um acto extraordinário, um acto que te poupa às consequências. Suicídios de velhos são comuns. Ninguém os investiga. Tu pendura-lo pela corda na árvore e acabou.

O homem deste conto olhou para a Morte. Tinham parado os dois a alguns metros da posição do velho e este retirou a mão da testa para a pôr no ouvido, formando concha. Os visitantes murmuravam e o velho esticava-se para a frente, com as rugas muito fundas contra a luz. Naturalmente, falaria, já que não disparara a espingarda. Avançaria na sua escala de civildade, pois não expulsara a tempo os seus intrusos. Mas seguia o exemplo dos seus cães, com respeito ao silêncio. Os cães calavam-se e o velho também. Os cães sabiam que era a Morte e o velho não. Ele estava convencido de que a morte viria pela corda e, abrindo a mão, deixou-a deslizar. Ela estalou como um chicote contra o solo. Só a segura produzia um som assim.

— Falta-te muito pouco — disse a Morte. O seu bafo queimava. Era visível que aquela hesitação a ofendia. Tratava o homem deste conto como um filho para quem se procurou a melhor prenda. E ele retribuía com um escrúpulo que mais se assemelhava a decepção. «Não passas de

um humano», comentou. Queria entoar a frase com desprezo mas a metáfora da maternidade influenciou-lhe o modo de falar. Havia uma suave complacência, um regozijo, quase. Via nele aquela falta de resignação, a obstinação própria da raça que impedia as crianças de crescerem completamente, ensimesmadas no desejo. Ele não tinha a experiência de matar, tinha somente a imaginação. A imaginação juntara temas, o sexo e o crime, o crime e a mulher, e ele ignorava que podia separá-los, que a beleza não era indispensável ao prazer de cravar uma navalha. Também uma ignorância se alojava pela primeira vez dentro da Morte. Estava a enternecer-se com o homem e nunca conhecera uma afeição. Ele respirava ansiosamente, como as crias abandonadas pelos protectores e deixou que ela o conduzisse para mais perto, para a moldura de visão do velho.

Ele identificou-os ou, melhor, arrependeu-se do que desejara.

A Morte vinha com o seu esplendor, com a sua frieza de estrangeira. E o que a acompanhava ia curvado, como se o chão contasse a sua história e essa fosse uma história de sepulcros. «Antes fossem ladrões», pensou o velho. «Antes uma matilha de cães bravos». Pois também dentro dele havia um bicho e um fora-da-lei, enraizados nas suas profundezas, no que dói. Julgou ouvir o sopro de uma faca ao embater no músculo do porco, mas era só uma recordação. As mãos do homem avançavam nuas. Tudo o que o velho queria era lutar, mas encolheu-se como a defender-se de um ataque de enxame. Os dedos encontraram-lhe as carótidas e ganhavam mais força ao apertar. Contrariamente ao guincho do animal, daquele velho devia sair algo que tivesse um gemido e uma oração. No entanto, ele dobrou-se sem um som.

— É isto o crime? — perguntou o homem. E olhou em volta. Mas não estava lá ninguém. A Morte entrara para as células do velho e estourava-as com as unhas, como bolhas. Ele oscilava com alguma timidez, sob o impacto dos rebentamentos que a Morte ia operando no seu ser. Tinha perdido a contenção de líquidos e a braguilha coçada reluzia.

O homem deste conto estava exausto por preparar a força no sobriteiro, pendurar o cadáver e varrer o rasto que ele deixara. A Morte, não, a Morte

não pisava. Só havia vestígios de uma luta, o arrastar das botas no terreno. «É isto o crime?», repetiu. O céu chispava, desperdiçando a sua dose de energia.

O homem começou a caminhar. Sentia pouco. Não sentia nada. A Morte oferecera-lhe aquele crime, o seu crime perfeito, sem castigo. Ele experimentara um arrepio ligeiro, uma rebelião do próprio corpo. Ainda que quisesse abrir as mãos, afrouxar a pressão, não o faria. As mãos estavam para lá de obedecer. O sexo intumescera por um momento, quando as vértebras quebraram e a cabeça do velho se dobrou. Mas a Morte inclinara-se sobre ele e o seu vestido de mulher roçava como qualquer vestido de mulher.

O homem estava a regressar a casa e idealizou que acordaria aos primeiros ruídos da manhã. Porém a estrada e os campos em redor vibravam como só o real pode vibrar. Não sonhava. Seguia devagar, na esperança de que a Morte regressasse. Assobiava baixo. Era outra vez um rapaz no bordel, um rapaz sujo, que leva dentro o seu primeiro amor.

A Golina

Mafalda Ivo Cruz